

A RECONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO RELIGIOSO: A RELIGIÃO FLUIDA DE UMA SOCIEDADE RACIONALIZADA E SECULARIZADA

THE RECONSTRUCTION OF THE RELIGIOUS IMAGINARY: THE FLUID RELIGION OF A RATIONALIZED AND SECULARIZED SOCIETY

*Bruno de Oliveira Mendonça**
*Maria Lilian Silva Cavalcanti***

Resumo: Este artigo pretende suscitar questões sobre o processo de recomposição do imaginário religioso que se observa na atualidade. As sociedades ocidentais passam por uma crise na religiosidade, ocasionando a perda gradativa da legitimidade de instituições tradicionais. Paulatinamente a racionalização e a secularização têm papel relevante na transformação no modo de pensar em termos de fé. Outros fatores ocasionam imprecisões na transmissão de sua herança religioso-cultural, enquanto as novas gerações têm buscado inovações em termos de religiosidade. Marcadas pela individualidade e liberdade próprias da contemporaneidade, há uma tendência à adesão de crenças que melhor se adequem aos anseios de uma confessionalidade fluida. A partir do livro “O peregrino e o convertido: a religião em movimento”, da socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger, pretende-se analisar como têm se processado essas mudanças nas sociedades atuais. A autora segue o pensamento de Max Weber a respeito da ética protestante e sua contribuição no capitalismo. A racionalização – premissa da modernidade – entra em conflito com o arcabouço religioso humano – composto ao longo dos séculos por elementos simbólicos – estes sim, capazes de conectar a humanidade com o transcendente. Enquanto a racionalidade prega que o indivíduo é responsável pelo próprio destino – validando o desejo por lucro do capitalismo – o imaginário do ser humano segue almejando a paz e a felicidade da Aliança, promessa de Yahweh à humanidade pregada pelas religiões. Com este paradoxo, pretende-se compreender como a contemporaneidade está lidando com essas transformações e tecer circunstâncias a respeito de como o meio digital tem acelerado esses processos irremediavelmente.

Palavras-chave: Religião. Pluralismo. Imaginário religioso. Religiosidade fluida.

Abstract: This article aims to raise questions about the process of reconstructing the religious imaginary that is observed today. Western societies are going through a crisis in religiosity, causing the gradual loss of legitimacy of traditional institutions. Gradually, rationalization and secularization play a relevant role in the transformation of the way of thinking in terms of faith. Other factors cause inaccuracies in the transmission of their religious-cultural heritage, while the new generations have sought innovations in terms of religiosity. Marked by the individuality and freedom typical of contemporary times, there is a tendency to adhere to beliefs that best suit the desires of a fluid confessionality. Based on the book “The Pilgrim and the Convert: Religion in Motion”, by French sociologist Danièle Hervieu-Léger, the aim is to analyze how these changes have been processed in today's societies. The author follows Max Weber's thinking regarding Protestant ethics and its contribution to capitalism. Rationalization - the premise of modernity - comes into conflict with the human religious framework - composed over the centuries of symbolic elements - which are capable of connecting humanity with the transcendent. While rationality preaches that the individual is responsible for his own destiny - validating capitalism's desire for profit - the human imagination continues to yearn for the peace and happiness of the Covenant, Yahweh's promise to humanity preached by religions. With this paradox, we intend to understand how contemporary times are dealing with these transformations and to weave circumstances regarding how the digital environment has irremediably accelerated these processes.

Keywords: Religion. Pluralism. Religious imagery. Fluid religiosity.

* Mestrando em Teologia Sistemático-Pastoral na Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: bruno.00000849494@unicap.br.

** Mestranda em Teologia Sistemático-Pastoral na Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: cavalcantimarialili@gmail.com.

Introdução

O processo de crise nas instituições religiosas tradicionais teve início desde o século XVIII com as transformações no modo de pensar que culminaram na Revolução Francesa de 1789. A reverberação desse evento fez-se sentir indelevelmente até os dias atuais. Como consequência disso, podemos afirmar que a modernidade se edificou historicamente sobre a dissolução e degradação da religião.

Apesar das transformações que modificaram definitivamente as sociedades e a cultura do Ocidente desde então, o pensamento e as práticas modernas ainda estão intimamente ligados a tradições e valores do passado, cujas raízes estão no remoto pensamento medieval. Isto porque, apesar da racionalização ser a premissa central da modernidade, o arcabouço religioso humano é composto por símbolos capazes de comunicar à humanidade o transcendente. Assim, enquanto o mundo moderno braveja que o ser humano é o único capaz de gerir seu próprio destino, a humanidade dormita oniricamente na promessa da vinda do Reino de Deus.

Este pensamento vem do livro do sociólogo alemão Max Weber: *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Grosso modo, Weber enfatiza como a doutrina da salvação e da graça serviu de fértil solo para a disciplina, o trabalho e o desejo por lucro do protestantismo – base para o capitalismo. Impulsionada, por sua vez, pela ideia da Aliança de Deus com seus escolhidos, na promessa de uma terra rica em “leite e mel” – advinda do judaísmo – e extensiva a toda a humanidade – através do cristianismo. A projeção do Reino de Deus na terra – um mundo perfeito, com paz, prosperidade, igualdade e harmonia, porém, ruiu com os eventos de duas guerras mundiais. A morte, recessão e carestia experimentados ao longo do século XX traumatizam a experiência humana. Chegou-se, enfim, à contemporaneidade com esta condição de vazio interior. Há na humanidade um estado permanente de antecipação, de insatisfação e de expectativas inquietantes.

1 O PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO RELIGIOSO

No livro *O convertido e o peregrino: a religião em movimento*, Danièle Hervieu-Léger enxerga na ideia exposta neste sucinto preâmbulo como o paradoxo que marcará o modo de pensar da contemporaneidade em termos de crenças, de fé e de religiosidade. Isto porque a maioria das representações de mundo no Ocidente foram extraídas do universo religioso. Ao mesmo tempo em que nega uma vida pautada na visão religiosa do passado, a humanidade continua a almejar a completude prometida sob essa mesma base. Ou seja, o mundo secular de hoje continua a projetar a utopia de paz e felicidade prometida pela religião no passado,

enquanto deixa de lado a premissa de que esta deveria comandar as sociedades e direcionar a vida dos indivíduos (Hervieu-Léger, 2008, p. 37).

Em acordo com Hervieu-Léger, estão Peter Berger e Thomas Luckmann, autores da obra *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Eles acreditam que “a desigrejização não deve ser confundida com a perda da religiosidade” (Berger; Luckmann, 2004, p. 48). Mesmo com a dessacralização das sociedades e o esvaziamento dos indivíduos de um sentido de religiosidade (Eliade, 2018, p. 165), a humanidade continua numa busca de sentido para a sua existência. Por sua vez, este sentido “se constitui na consciência humana; na consciência do indivíduo que se individualiza” (Berger, 2004, p.14).

A modernização, para Berger e Luckmann, implicou numa “transformação radical de todas as condições externas da existência humana” (Berger; Luckmann, 2004, p.58). O propulsor dessa transformação foi a tecnologia desenvolvida ao longo dos últimos séculos, com base nas ciências compreendidas como modernas (Berger; Luckmann, 2004, p.14). Em especial, destaca-se o avanço digital conseguido no final do século XX, a partir da década de 90 e que continua a transformar em uma velocidade assustadora o mundo de hoje:

Em plano puramente material este desenvolvimento trouxe consigo uma enorme expansão de possibilidades. Enquanto no passado, algumas técnicas, transmitidas de uma geração a outra, constituíam o fundamento da existência material, existe hoje em dia uma pluralidade aparentemente interminável de sistemas tecnológicos em constante aperfeiçoamento. Tanto o indivíduo quanto a grande organização estão diante da necessidade de escolher uma ou outra possibilidade dessa multiplicidade. Esta compulsão de escolha vai desde os bens triviais de consumo (qual marca da pasta de dentes?) até as alternativas tecnológicas básicas (qual a matéria-prima para a indústria de automóveis?). A ampliação das opções também se estende para o campo social e intelectual. Aqui, a modernização significa a troca de uma existência determinada pelo destino por uma longa série de possibilidades (Berger; Luckmann, 2004, p. 58).

No âmbito da religiosidade essa profusão de escolhas aliou-se às transformações profundas que vêm se processando no modo de pensar, sentir e reagir das sociedades contemporâneas. Essas foram acirrando gradativamente a fragilidade da autoridade patriarcal, o enfraquecimento da tradição, o desencantamento com o mundo e a perda da legitimidade das grandes religiões. A dinâmica da fé na contemporaneidade já deixa marcas caracterizadas pela mobilidade, individualização e fragmentação dos pertencimentos religiosos. Esses elementos combinados formam o pano de fundo para que se abra espaço para as novas e inusitadas formas de expressões religiosas encontradas atualmente (Hervieu-Léger, 2008, p. 8).

“As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio”, sentencia Stuart Hall. Novas identidades estão surgindo a partir de fragmentos do

que restou do padrão considerado “unificado” dos moldes anteriores. A partir disso, está em andamento um processo de mudança muito vasto, que tem deslocado estruturas e abalado a estabilidade que dava sustento aos processos sociais nas culturas ocidentais da pós-modernidade (Hall, 2006, p. 7).

O autor ainda acrescenta que os fragmentos mencionados podem se compor de “várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (Hall, 2006, p. 12). A identidade pós-moderna, portanto, é continuamente alterada e transformada segundo os sistemas culturais aos quais os indivíduos são expostos ou interagem (Hall, 2006, p. 13). Eles vão, conseqüentemente, assumir posicionamentos diferentes a partir de experiências históricas diversas, que vão compor suas “identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente” (Hall, 2006, p. 13).

Hall explica que a tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo experiências e elementos particulares na continuidade do passado. Quanto mais o indivíduo é exposto à interconexão de padrões culturais divergentes, quanto mais torna-se suscetível às ondas de transformação social que alcançam virtualmente o mundo inteiro (Hall, 2006, p. 15). Nos moldes pós-modernos, as diferenças são articuladas por “diferentes divisões e antagonismos sociais” que são articulados parcialmente, compondo uma estrutura identitária impermanente (Hall, 2006, p. 17).

O ser humano aprendeu gradualmente a se socializar a partir de uma compreensão consciente, interpelado, porém, da subjetividade advinda “de processos psíquicos inconscientes” (Hall, 2006, p. 38). Desde criança, há uma interação do ser com os sistemas simbólicos fora dele mesmo, incluindo a cultura, a língua e a diferença social. A partir de conceitos contraditórios e comparativos, a identidade é formada inconscientemente e, conflituosamente, dividida entre partes boas e más, porém como se ela estivesse unificada e resolvida internamente. Assim, a identidade forma-se ao longo do tempo, permanecendo continuamente em um estado de transformação e adquirindo sempre algo de imaginário no processo (Hall, 2006, p. 40).

2 A INFLUÊNCIA CULTURAL NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

No mundo contemporâneo, as culturas nacionais nas quais os indivíduos estão inseridos são uma das principais fontes de identidade cultural (Hall, 2006, p. 47). Antes devotadas à tribo, à religião e ao meio onde era criado, a lealdade e a identificação dos indivíduos foram gradualmente substituídas por um “teto político do estado-nação”, que criou padrões universais e homogêneos (Hall, 2006, p. 49). Estes não estão, porém, determinados pelos genes humanos,

mas dão ao indivíduo de hoje uma confortável sensação de pertencimento e identidade (Hall, 2006, p. 48). Assim, não nascemos brasileiros, mas nos tornamos tal à medida que aprendemos um conjunto de significados atribuídos como “brasilidade”.

A formação de uma cultura nacional se processa a partir de padrões como língua vernácula, instituições culturais, bem como símbolos e representações. Juntos, esses elementos constroem um sentido que determina nossas ações e a percepção que construímos a respeito de quem somos (Hall, 2006, p.50). Com critérios bastante subjetivos – que se encontram nas origens, mitos e histórias de um povo – é formado o imaginário coletivo de uma nação (Hall, 2006, p. 55). Outros fatores de unidade podem ser formados a partir de etnias – entendidos pelo autor como características culturais, tais como idioma, fé, costumes, tradições e sentimentos de “lugar”. O autor afirma, contudo, que esta uniformidade acaba “por ser um mito” (Hall, 2006, p. 62).

Na verdade, as identidades culturais nacionais hoje estão submetidas à globalização – “um complexo de processos e forças de mudança” em escala global que atravessa os limites de espaço e de tempo, apontando para uma “desintegração” das identidades (Hall, 2006, p. 67). De um lado, o espaço imprime no indivíduo a sensação de estar enraizado. Há características que dão a ideia de casa, de lar e de pertencimento (Hall, 2006, p.72).

Em termos de religiosidade, Danièle Hervieu-Léger identifica quatro formas que definem a pertença religiosa na contemporaneidade. A dimensão comunitária refere-se às marcas sociais e simbólicas que definem as fronteiras do conjunto religioso, distinguindo os membros dos não-membros (Hervieu-Léger, 2008, p. 66). A dimensão ética relaciona-se à aceitação do indivíduo dos valores ligados à mensagem religiosa transmitida pela tradição à qual esteve inserido. A dimensão cultural diz respeito ao patrimônio cultural de uma tradição assumida, sem que isso implique em imposições éticas específicas. Por fim, a dimensão emocional engloba a experiência subjetiva e afetiva da fé, que pode ser compartilhada em grupos formados por afinidades emocionais e espirituais (Hervieu-Léger, 2008, p. 74).

Essas dimensões se combinam de diversas maneiras, dando origem a diferentes formas de identificação religiosa, como o cristianismo afetivo, o patrimonial, o humanista e o político. As quatro dimensões da pertença religiosa propostas pela socióloga fornecem um quadro analítico útil para compreender as múltiplas formas de vivência da fé na contemporaneidade (Hervieu-Léger, 2008, p. 74).

Por outro lado, na contemporaneidade o tempo está imprimindo um novo caráter à religiosidade humana. Na verdade, o tempo está interferindo no espaço (Hall, 2006, p. 72) que hoje pode ser transposto “por avião a jato, por satélite” ou num click digital. A missa da paróquia do bairro já não é a escolha mais óbvia para um crente católico. Ele pode se conectar

a missas em tempo real em diversos lugares espalhados pelo globo. Consequentemente, a prática religiosa torna-se uma escolha pessoal, onde comunidades adaptam-se a uma nova realidade, oferecendo espaços de pertencimento mais flexíveis e menos institucionalizados (Hervieu-Léger, 2008, p. 89). O efeito desses processos globais tem enfraquecido as formas de identificação cultural e religiosa no mundo, acentuando ainda mais a fragmentação dos indivíduos, que já constitui uma marca da contemporaneidade (Hall, 2006, p.73).

Estas inusitadas e singulares maneiras de buscar o divino, segundo Hervieu-Léger, são facilitadas pelos elementos que se encontram, por assim dizer, em todos os âmbitos das sociedades do Ocidente: a secularização, o imediatismo, a necessidade de inovações, a pluralidade, a singularidade e a mobilidade. Em velocidade cada vez maior, agravados pelos “eventos da comunicação planetária”, as tradições religiosas – antes herdadas – vão sendo cada vez menos repassadas às novas gerações. Esses processos de transformação se aceleram à medida que crescem o individualismo e a rapidez dos meios digitais, aliados à liberdade e à necessidade de uma experiência religiosa única e particular (Hervieu-Léger, 2008, p. 62).

Hervieu-Léger apresenta neste contexto duas figuras emblemáticas da realidade religiosa atual. De um lado, há a figura do convertido como alguém que busca uma ancoragem existencial em um mundo de instabilidade e fluidez. Ela afirma que “o convertido, longe de ser um resíduo anacrônico de um passado tradicionalista, é antes uma figura exemplar da modernidade religiosa” (Hervieu-Léger, 2008, p. 143). A conversão aparece como uma resposta individualizada ao desejo de pertencimento e de reconstrução identitária em sociedades onde as tradições religiosas já não são mais transmitidas de forma automática (Hervieu-Léger, 2008, p. 90).

3 O CONVERTIDO E O PEREGRINO: IMAGENS DE UMA RELIGIÃO FLUIDA

O convertido representa a escolha consciente de uma fé, mas essa reconstrução das crenças não se dá sem tensões. Hervieu-Léger destaca que o convertido enfrenta o desafio de legitimar sua nova identidade tanto para si mesmo quanto para os outros, pois “a conversão implica uma ruptura que deve ser continuamente reafirmada e justificada” (Hervieu-Léger, 2008, p. 150). A religião, nesse contexto, torna-se um empreendimento pessoal de coerência e autenticidade (Hervieu-Léger, 2008, p. 90).

Por outro lado, a socióloga introduz a figura do peregrino como complemento e, em certos aspectos, contraponto ao convertido. Se o convertido busca fixar-se em uma nova identidade religiosa, o peregrino vive a religião como uma busca aberta, um caminho de sentido, mais do que uma chegada definitiva. Segundo Hervieu-Léger, “o peregrino é aquele que, sem

renunciar à necessidade de sentido, aceita a provisoriedade e a incompletude de suas afiliações religiosas” (Hervieu-Léger, 2008, p. 165). O peregrino simboliza a busca individual por sentido, expressando a lógica da mobilidade contemporânea, em que a experiência religiosa se constrói por acumulação de vivências, escolhas e desvios. A autora afirma que “no regime de peregrinação, a verdade da fé é experimentada mais do que codificada” (Hervieu-Léger, 2008, p. 172).

A autoridade tradicional das instituições religiosas é substituída pela autoridade da experiência pessoal, o que implica em uma redefinição dos modos de pertencimento e de crença. As comunidades religiosas adaptam-se a essas novas realidades e as instituições historicamente tradicionais enfrentam desafios de manter sua relevância. Finalmente, a socióloga articula essas duas figuras — convertido e peregrino — para pensar a religião contemporânea como um campo em que coexistem, chocam-se e se misturam essas modalidades em termos de crenças. Hervieu-Léger sublinha que “não há mais, na sociedade contemporânea, um único modelo legítimo de crença, mas uma multiplicidade de trajetórias religiosas possíveis”. Essa multiplicidade gera novas formas de comunidades religiosas, mais fluidas e menos hierárquicas, mas também provoca inseguranças e instabilidades (Hervieu-Léger, 2008, p. 185).

O domínio da racionalidade, embora molde o modo de pensar na sociedade, não ocorre uniformemente em todos os aspectos da vida humana (Hervieu-Léger, 2008, p. 31). Espera-se que a ciência responda a todos os questionamentos e afaste todo o comportamento irracional. Sempre há algo novo que pode trazer finalmente a plenitude esperada. Essa utopia se alimenta do que a ciência propõe como novidade (Hervieu-Léger, 2008, p. 38). O efeito de vazio social e cultural e as mudanças extremamente rápidas mergulham os indivíduos em um estado de inadequação permanente, provocando crises e desequilíbrios em todos os setores da sociedade (Hervieu-Léger, 2008, p. 40).

Com a laicização – a modernidade se organizou socialmente com a separação das instituições, onde cada qual atua apenas na sua área (Hervieu-Léger, 2008, p. 34), os níveis de dessacralização ocorrem de modos diferentes na sociedade segundo as instituições envolvidas. A vida social passa a ser cada vez menos ditada pela instituição religiosa, conseqüentemente, a religião deixa de ser referência de modelo de conduta, normas, valores e símbolos para aquela sociedade, desarticulando o seu código geral de sentido. Assim, as religiões tradicionais já não servem como modelo do mundo idealizado e o homem recorre a inusitadas formas de religiosidade (Hervieu-Léger, 2008, p. 33).

A autonomia do indivíduo é almejada, pois espera-se que seja capaz de construir um mundo segundo suas próprias significações que darão sentido à sua existência. Este é justamente o traço que marca a cisão com o mundo da Tradição, que, ao contrário, impõe a

todos um código geral de sentido (Hervieu-Léger, 2008, p. 32). Por conseguinte, as religiões tradicionais tornam-se atualmente incapazes de impor e regular crenças e práticas ao mesmo tempo em que o vazio existencial conduz o homem à busca pela crença em algo que lhe traga segurança. Isto causa uma ansiedade generalizada, pois há sempre a expectativa de algo que está por se concretizar. O indivíduo recorre ao imaginário para preencher o vazio experimentado no seu cotidiano (Hervieu-Léger, 2008, p. 39).

Considerações finais

A busca de autenticidade individual convive com a necessidade de reconhecimento coletivo, gerando tensões que se expressam em fenômenos como a proliferação de pequenas comunidades religiosas, a espiritualidade sem pertencimento institucional e as conversões intermitentes. Hervieu-Léger conclui que tanto o convertido quanto o peregrino são figuras próprias da modernidade religiosa, expressando, cada um à sua maneira, a tentativa de manter viva a memória crente em um contexto de fragmentação das tradições. A religião, nesse quadro, não desaparece, mas se transforma profundamente, adaptando-se às exigências de autonomia e mobilidade dos indivíduos contemporâneos. E conclui que a fé moderna é inseparável da experiência pessoal e da liberdade de escolha. O convertido e o peregrino são metáforas não apenas de duas formas de viver a religião, mas também de dois modos de ser no mundo pós-moderno (Hervieu-Léger, 2008, p. 100).

Não há certezas, porém, na adesão completa do peregrino à doutrina religiosa. Ao contrário, ele gravita entre as operações desta nova religiosidade fluida, moldando suas crenças à fluidez da crença que ele próprio elabora (Hervieu-Léger, 2008, p. 90). A esses “remendos” em termos de religiosidade a autora denomina “bricolagem”, fruto da fragmentação dos setores da vida dos indivíduos, que tentam juntar “os caquinhos” como um resgate de sentido perdido. O que os “bricoleiros” estão tentando resolver é criar um sistema de crenças que satisfaça e preencha a lacuna deixada na transmissão da memória coletiva. E estão conseguindo através dos recursos deixados pelas religiões tradicionais através de uma identificação (Hervieu-Léger, 2008, p. 162).

O problema dos fenômenos de fragmentação das premissas religiosas pode levar à erosão do crer religioso institucionalmente validado (Hervieu-Léger, 2008, p. 170). A socióloga propõe que dois movimentos caminham em sentidos contrários: um movimento em ligação com a cultura do indivíduo, onde há uma tendência à relativização de normas, crenças e práticas determinadas pela instituição religiosa. Contrário a isso, há o grupo que compartilha com homogeneidade das práticas e crenças institucionais. A tensão entre os dois pode gerar rupturas

de grupos ou a proliferação de pequenas comunidades “detentoras da verdade”. A solução, segundo Hervieu-Léger, seria “alimentar um consenso teológico e ético mínimo, capaz de absorver” sem levar a rompimentos, bem como fortalecer o modelo da verdade partilhada entre os grupos (Hervieu-Léger, 2008, p. 174).

Referências

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Tradução: Edgar Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. Título Original: *Modernität, Pluralismus und Sinnkrise: Die Orientierung des modernen Menschen*.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*; tradução de Rogério Fernandes. 4 Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11a. ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006. Título original: *The Question of cultural Identity*.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O convertido e o peregrino: a religião em movimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. Tradução: João Batista Kreuch. Título original: *Le Pelerin et le converti: La religion en mouvement*.

JUNG, Carl G. *O Homem e Seus Símbolos*; tradução de Maria Lúcia Pinto. 3 Ed. Rio de Janeiro: HarperColins Brasil, 2016.

MESLIN, Michel. *Fundamentos da Antropologia Religiosa: a experiência humana do divino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Recebido em: 19/05/2025

Aprovado em: 07/06/2025